

KULTRUN

BOLETIM DO CILA



OUTUBRO DE 2019

CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES

UNILA





Dirección y Edición: Miguel A. Cristi

Colaboración: Eduardo F. Rubio



KULTRUN

O Boletim do Centro Interdisciplinar de Letras e Artes – CILA, é um instrumento de divulgação de informações, ações e expressões artístico-culturais no âmbito do CILA. O Boletim será escrito em português e espanhol, mas será extremamente valorizada a presença de outras línguas, sobretudo indígenas.

Contamos com a colaboração de todos e todas. É possível enviar informações, notícias sobre eventos, projetos de pesquisa ou extensão, diversos tipos de manifestações artísticas, fotografias, contos, poemas, reflexões políticas, bem como entrevistas ou relatos de experiência orientados à construção de um mundo mais diverso, justo e solidário.

En esta primera edición, presentamos entrevistas a dos mujeres que trabajan por justas causas: a la Psicóloga Elisiane Rodrigues, Coordinadora del proyecto Águas Novas, de la ciudad de Palmitos, SC; y a Andiara de Oliveira, Profesora de la Escuela Jorge Amado, situada en Cidade Nova II, Foz do Iguaçu, PR.

En artes, dos docentes de la UNILA, Stefano Busellato y Angelene Lazzareti, nos presentan parte de su poesía y registro fotográfico, respectivamente.

Las ediciones de **Kultrun** serán mensuales. Envíen sus colaboraciones a miguel.cristi@unila.edu.br

Afectuosamente,

COORDINACIÓN CILA

SECCIÓN DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA A ELISIANE RODRIGUES, Coordenadora do Projeto Águas Novas, Palmitos, SC.

Entrevistador: Miguel A. Cristi



“O Projeto Águas Novas, de caráter socioambiental, idealizado a partir de uma problemática ampla da comunidade local, possui um capítulo transversal que trata especificamente de questões ligadas ao feminino e, ao mesmo tempo, capaz de fundamentar todo o trabalho.”

Elisiane Rodrigues (42 anos), Psicóloga, servidora da Cooperativa da Agricultura Familiar – COOPERDÁGUA, Palmitos, SC. Coordenadora do Projeto Águas Novas.

Sra. Elisiane, poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Cresci em uma família em que a figura do masculino era distante. Minha mãe e minha avó, juntamente com minhas irmãs foram a base da minha convivência familiar. Contudo, o modus obedecia a organização patriarcal.

Saí cedo de casa para trabalhar e estudar, já que na época se dizia que a agricultura não poderia garantir um futuro com um mínimo de conforto. Literalmente constituí família, em um primeiro momento, a partir do que aprendi na casa materna. Assim, minhas convicções teóricas constituíram-se concomitantemente aos rompimentos com o modelo de família com o qual cresci. Hoje, sou novamente casada e tenho uma filha, dois filhos e uma enteada.

Minha formação acadêmica deu-se na Unijuí – Universidade Regional de Ijuí/RS, entre 1995 e 2000, período no qual o curso de psicologia não estava vinculado à área da saúde, mas sim das humanas. Não se usava laboratórios de observação de cobaias, mas era-nos exigido escutar as pessoas.

Ao longo da minha carreira sempre permeei trabalhos institucionais com a escuta clínica. O período mais longo de atuação foi no setor público, em que a experiência com os pacientes resultou na construção de dois Centros de Atenção Psicossocial –

CAPs I, em Palmitos/SC e Tenente Portela/RS, cidades com menos de 30 mil habitantes.

Algo da institucionalização, burocratização, impedia a efetivação de um trabalho que de fato beneficiasse o sujeito. Dado que, para escutar efetivamente a dor de cada um, o profissional precisa estar livre de regramentos.

A partir dessa premissa, e buscando pares, a ideia de trabalhar com o terceiro setor me pareceu mais consistente, mais próximo daquilo que acredito, de modo que atualmente atuo como psicóloga e coordenadora em uma cooperativa de agricultores e agricultoras familiares.

Poderia, por favor, fazer uma descrição e os objetivos da instituição para a qual trabalha, bem como uma descrição das suas próprias funções nesta instituição?

A Cooperativa de Agricultura Familiar - Cooperdágua, foi concebida à sombra de uma bergamoteira no dia 3 de janeiro de 2006 quando um grupo de 27 agricultoras e agricultores familiares, autodenominados “Amigos do Rio Barra Grande”, reunidos pelo Projeto Microbacias 2 do governo do Estado de Santa Catarina, sonhava alternativas para o problema da escassez de água durante os constantes períodos de estiagem que atingiam a região.

Após inúmeras reuniões que de certa forma gestaram e deram forma à ideia original, nasceu em 1º de março de 2007 a Cooperativa de Fornecimento de Água Potável de Palmitos. A Cooperdágua foi inovadora e o seu pioneirismo é referência, sendo reconhecida como a primeira cooperativa de captação e tratamento de água da mesorregião oeste de Santa Catarina.

Atualmente, a Cooperdágua atende diretamente 280 famílias associadas, além de fornecer água potável para 6 centros comunitários, 7 igrejas, posto de saúde e um núcleo educacional municipal.

A Cooperdágua, em seus primórdios, foi idealizada, estruturada e gerida por pequenos agricultores familiares, imbuídos de um forte espírito empreendedor. Na verdade, a Cooperdágua surgiu a partir de uma teimosia parida da necessidade urgente de contornar um situacional hostil, pois, na época, encontrar uma alternativa significava simplesmente não abandonar as propriedades, uma vez que em muitas delas não havia água suficiente nem mesmo para o consumo humano.

Sendo assim, o principal objetivo da instituição é o fornecimento de água potável às famílias agricultoras como mote para a resistência e permanência no meio rural.

O meu trabalho, neste contexto, é de escuta, em que dirigentes e associados trazem suas questões, momento em que objetivo não eliminar os conflitos, mas encontrar ressignificações que garantam laços entre humanos. Atendo individualmente e, se necessário, escuto-os juntos, nas suas individualidades. Esse movimento, só é possível em um laço transferencial com os envolvidos.

Prévio à entrevista, você mencionou que no contexto deste projeto há algumas problemáticas associadas a gênero e violência de gênero. Pode explicar tais problemáticas?

Como a supressão feminina está na cultura na forma de sintoma social, já que sua organização se estrutura a partir das relações de poder, fica difícil a própria mulher perceber do que ela sofre. Simplesmente tem dor e se queixa. Essa, diria, é a principal problemática das famílias com que trabalho e ao mesmo tempo a fundamentação do meu trabalho: identificar, especificamente, de que dor cada uma fala, pois é esse o nó que sustenta a sintomatologia e que precisa ser desmanchado.

Não se trata apenas de falar, já que na maioria das vezes há uma colagem das queixas da mulher, dado que, reafirmando, trata-se de um sintoma social. Há de se ter uma escuta que suspenda as constituições do feminino do próprio profissional, caso contrário apenas haverá colagem e novamente silêncio.



Elisiane Rodrigues em trabalho de campo junto com mulheres do Projeto Águas

Em relação à pergunta anterior, de que maneira a Instituição, e especialmente você, enfrentam estas problemáticas pensando em possíveis soluções?

O Projeto Águas Novas, de caráter socioambiental, idealizado a partir de uma problemática ampla da comunidade local, possui um capítulo transversal que trata especificamente de questões ligadas ao feminino e, ao mesmo tempo, capaz de fundamentar todo o trabalho. Já que entendemos ser o cuidado do feminino, no seu sentido literal, a solução para diferentes problemáticas na agricultura familiar, uma vez que a mulher, apesar do sofrimento, tem essa capacidade de nata de zelar.

Pensando ainda na pergunta anterior: que ações são as que melhores resultados obtém e por que?

Posso destacar como mais eficientes as reuniões informais, em que, espontaneamente, elas falam do seu dia-a-dia. Cabe, à escuta do profissional, transformar essa espontaneidade, carregada de restrições subjetivas e dor, em escuta individual. Ou seja, é o profissional que se empresta para que a sua interpretação viabilize a tradução dos seus sofrimentos, passando paulatinamente a compreender as origens dessa dor, fazendo com que entenda que muitas das vezes até mesmo o olhar do masculino lhe é agressivo. É a partir desse “comungar” que a procura acontece de uma forma individual e o atendimento clínico passa a acontecer.

Que mensagem você daria às mulheres oprimidas e às pessoas que trabalham para solucionar esta problemática social?

Para as mulheres, não apenas as oprimidas, tenho a dizer que, considerando a enormidade de questões que ainda precisam ser superadas, que todas devam buscar ser respeitadas; nos é caro ser mulher, em qualquer situação, e que as nossas diferenças não sejam tomadas como pejorativas, pois são nossas características. Ainda, que tenhamos o cuidado de não nos “masculinizar” para encontrar espaços, armadilha que muitas vezes nos leva a reproduzir o discurso machista. A grande questão é que se faz necessário que a própria mulher encontre o lugar onde o feminino faz morada, o lugar de pertença, que se situa para além do conceito de empoderamento.

Já aos profissionais, de diferentes áreas do conhecimento, diria que o ponto nodal da violência contra a mulher é o silêncio e a não tradução de suas dores. Penso que a sensibilidade para com as questões ligadas ao feminino deva ser norte, pano de fundo para qualquer atuação. Não é momento para buscar culpados, mas sim de encontrar suporte de escuta no sentido de uma resignificação do modelo atual de conceitos. Adicionalmente, é-nos claro que a estrutura política e econômica se funda em princípios perversos, contaminando toda uma rede do tecido social e que possíveis soluções para os problemas do contemporâneo encontrariam caminho no momento em que se evidenciasse o feminino enquanto estrutura para as relações humanas. Portanto, desvelar esse feminino e zelar por suas características mais sensíveis significa ter em mãos a chave para um mundo melhor.



ENTREVISTA A ANDIARA DE OLIVEIRA, Professora da Escola Jorge Amado, Cidade Nova II, Foz do Iguaçu, PR.

Entrevistador: Miguel A. Cristi



“A Escola está aberta para projetos que estimulem o interesse das crianças pelo aprendizado. As crianças disfrutam da arte e aprendem. A UNILA é bem-vinda para realizar com as crianças projetos artísticos”

ANDIARA DE OLIVEIRA, Professora da Escola Pública Jorge Amado, Foz do Iguaçu, membro do Grupo de Estudos sobre Paulo Freire.

Professora, poderia fazer uma breve contextualização da Escola Jorge Amado?

Sim, claro. A escola tem 18 anos, foi fundada no ano 2001. O ensino é até quarta série, mas também tem EJA, noturno, para ensino fundamental, especialmente para alfabetização. As crianças são 100% dos bairros próximos. São de Cidade Nova I e II, Almada e Vila Solidária.

Sobre os e as estudantes, poderia fazer uma descrição?

São estudantes em condições sociais precárias, com muito pouca assistência médica. Em muitos casos se trata de crianças que nas suas casas moram várias famílias. As crianças são bastante carentes, há casos de fome. Muitas vêm para a escola porque aqui podem comer.

E os pais?

Os pais são trabalhadores, muitos trabalham na colheita seletiva. Mas muitos estão desempregados. É bastante comum que numa casa onde moram duas ou três famílias, apenas uma ou duas pessoas trabalhem. A vida deles é bastante difícil.

Isto repercute no aprendizado e desenvolvimento das crianças?

Com certeza. Tem vários fatores que repercutem. As necessidades básicas, que se faltam interferem muito. A fome, interfere. A falta de materiais, também. A roupa, tudo isso interfere. Também a falta de informação das famílias, a atenção nas crianças. Tem muita criança com problemas de aprendizagem. Mas é a própria condição das

famílias o grande problema. A pobreza é um problema, pois as famílias sobrevivem no dia a dia.

Eu sou professor do Centro de Letras e Artes, da UNILA. Pensando nestas duas áreas, você observa alguma possibilidade de que os professores e professoras, alunos e alunas, deste Centro possam realizar na Escola projetos para cultivar as letras e artes nas crianças da escola? Também pensando em questões associadas à autoestima, desenvolvimento da autonomia, etc.

Sim, claro, tem. Na verdade, a Escola tem totais condições, tem materiais. Por exemplo, temos o projeto de fanfarras. Uma atividade muito legal. A fanfarra funciona muito bem, é regular. Mas os professores envolvidos não são músicos, e ficam um tempo a mais para trabalhar o projeto com as crianças. Eles tiveram que aprender a tocar os instrumentos e passar isso para os alunos. Mas uma das professoras sabia de música, ela deu aula para os outros professores e para as crianças. Esse ano uma pessoa externa, com experiência em fanfarra, ajudou muito. Deu aula para a gente é isso ajudou bastante. O que está faltando é o trompete. Agora estamos aprendendo a tocar a Lira. Um professor está ensinando aos professores da Escola para logo estes ensinarem as crianças. Os violões estão aí, esperando, pois não é um instrumento de fanfarra.



Tem aqui duas equipes de fanfarra, com 50 alunos cada. Agora estamos incluindo a lira. Uma professora está ensinando a fazer questões mais acrobáticas, para apresentar junto à fanfarra. Portar as bandeiras, e tal. A gente sempre tem esse cuidado, de ter atividades que compensassem esse momento em que as crianças estão fora da Escola.

É UMA NECESSIDADE BÁSICA QUE AS CRIANÇAS SE ENVOLVAM COM UMA ATIVIDADE QUE DESENVOLVA A SENSIBILIDADE, COMO A MÚSICA.

Uma professora da UNILA desenvolveu com as crianças um projeto de reciclagem e artesanato. A gente tem aqui violões. Vários professores da UNILA desenvolveram projetos aqui, mas foi mais um voluntariado, o que é importante, mas não é uma coisa ao longo do tempo. Um projeto muito legal, que durou bastante, foi o projeto da UNILA chamado “Pequenos Filósofos”, da professora Patrícia. Foi realmente muito legal.

Muito interessante, que legal o que você descreve. Sobretudo a fanfarra que é uma coisa de vocês mesmos. Então, você acha que as crianças da escola se interessariam em projetos artísticos como fotografia, canto, poesia, teatro. Os pais deixariam as crianças participarem de atividades como estas? A escola teria interesse?

Sim, sim. Teria que ser nos dias e horários da tarde, após a aula. A nossa escola tem 900 alunos. Então, praticamente todas as salas são cheias. Nossa dificuldade é espaço, mas após o horário de classes tem disponibilidade. As atividades teriam que ser numa sala. Mas dá para articular. Só tem a seguinte ressalva: aqui tivemos várias tentativas externas de interferência, de pessoas que não são professores. São necessários muitos cuidados com as crianças, pois são crianças. Também está o problema da permanência dos projetos, pois muitos são projetos temporários, e não a nossa ideia, a nossa ideia e necessidade é a permanência dos projetos, como a fanfarra. Ou também que sejam por um longo tempo, dois anos, algo assim.

Entendi. Por exemplo, se um professor de música, artes, letras ou cinema da UNILA se interesse em realizar com as crianças algum projeto, uma condição é a permanência do projeto?

Sim, seria o ideal. Pensando não só no aprendizado das crianças, também na sensibilidade, estimular sentimentos. A Escola está aberta para projetos que estimulem o interesse das crianças pelo aprendizado. As crianças disfrutam da arte e aprendem. A UNILA é bem-vinda para realizar com as crianças projetos artísticos

Eu tenho um projeto há três anos na Escola, e vai continuar. É isto o que procuramos. Que as pessoas desejem desenvolver projetos permanentes.

Por exemplo, na UNILA temos uma professora que trabalha a criação e melhoria de bibliotecas escolares, especialmente a partir de literatura infantil. Este projeto seria de interesse da Escola? Uma coisa importante: eu falei para alguns professores do Centro Interdisciplinar de Letras e Artes que faria uma entrevista para você, e nenhum deles sabia que do lado da UNILA, JU, havia uma Escola. Ficaram muito interessados.

Eu sabia dessa professora. Seria genial ela se aproximar da Escola. Nossa biblioteca é precária, tem livros, mas está numa sala e falta muito por melhorar.

Olha. Numa oportunidade, uma pessoa pediu para fazer um encontro de artes aqui na Escola. A gente preparou tudo, mas a pessoa não chegou. Foi triste. Pessoas sem vínculo com a Escola não assumem muita responsabilidade. Mas tem outras lindas experiências com pessoas da UNILA, por exemplo, o Projeto Pequenos Filósofos, do qual eu formo parte também. Criamos um relógio de sol, a parede do sistema solar no tamanho proporcional também foi parte desse projeto. Só que assim: quando eu pedi para a PROEX fazer uma placa para o Relógio de Sol, obtive nada, foi negado. Foi um trabalho que chamou a atenção da comunidade, das crianças, dos pais. Faltou uma placa comemorativa. Mas entendemos também que nem tudo é possível, mas ficou fazendo falta isto.

Entendi, vocês estão certos. Então, você poderia dar uma mensagem para os professores de Artes e Letras da UNILA, para os estudantes também, pensando em projetos para a Escola?

Se os professores, alunos, qualquer pessoa, têm interesse em fazer projetos com as crianças da escola, serão bem vindos, mas temos algumas condições: que sejam de interesse da escola, tem que ser desenvolvidos na escola e tem que ser permanentes, ou que pelo menos durem vários anos. Serão sempre bem recebidos esse tipo de projetos, pois as crianças precisam, e gostariam.

Os professores vão ler este Boletim, a entrevista. Então, conhecerão a sua mensagem. Espero que os membros do Centro Interdisciplinar de Letras e Artes se animem a elaborar e realizar projetos na Escola.

Eu também. Seria muito legal.

SECCIÓN DE POÉTICAS

*Poemas de Stefano Busellato
Professor de Filosofia, UNILA.*

A GARRAFA

A garrafa
que vazia
enche a mão
que cheia esvazia
o copo que
vazio preenche
de um vazio
ao menos ardente
ao menos
por pouco.

E RIPETO

E ripeto
mille volte
il tuo nome
come gli esuli
che continuano
a parlare il
dialetto
del paese che
mai più
rivedranno.

Poema-canción de Lautaro Ahucrí.

BARQUITO DE PAPEL (canción infantil)

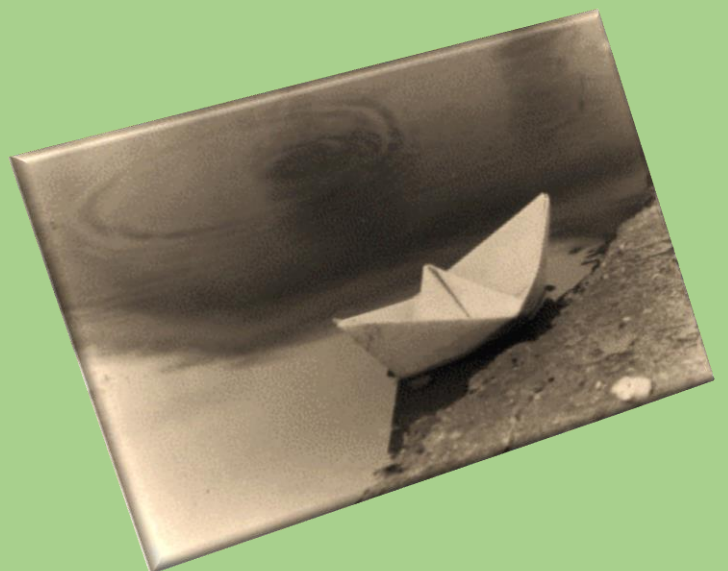
Entre mis manos te tuve
Soñando ser marinero
Soñando el dibujo en cubierta
El rostro azul en tu mirar sereno.

El caudal de la acequia amable
Ha llegado lamiendo mis manos
Entre el correr del agua fresca
Algunos peces saludan mi barco.

Barquito de papel
Déjame ser marinero
No pretendo ser capitán
Solo quiero escuchar el silencio.

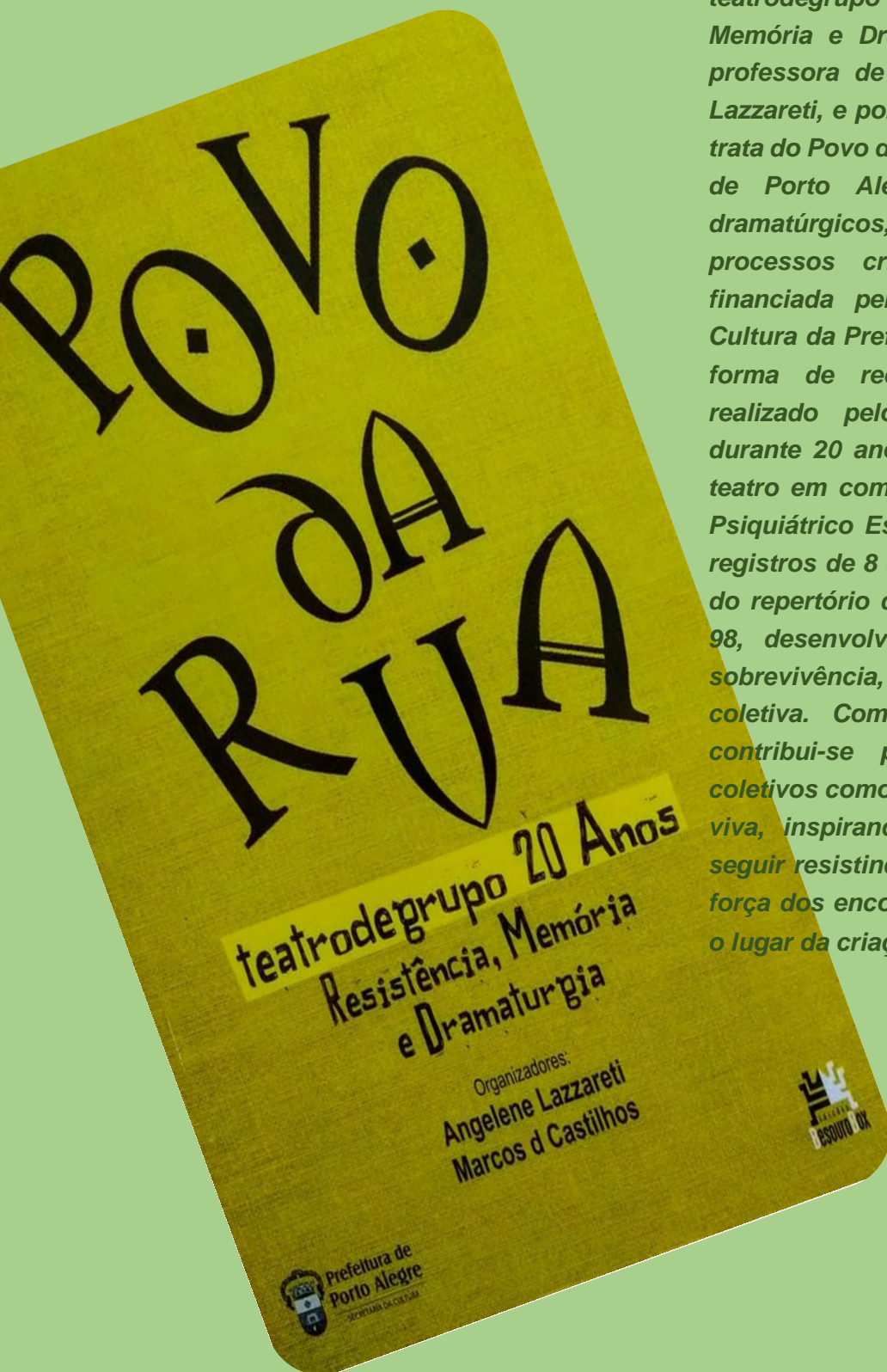
Un árbol mustio y sin hojas
Monta en su lomo al insecto,
La noche, remota paciencia,
Espera entre sonrisas mi puerto.

Monta sobre ti mi recuerdo,
Pero no lo lleves tan lejos
Devuélveselo a mi alma
Y protege mi beso, en su gota, el consuelo.
Y protege mi beso, en su gota, el consuelo.



SECCIÓN DE ARTES VISUALES

Imagens reunidas no livro "POVO DA RUA teatro de grupo 20 anos: Resistência, Memória e Dramaturgia" organizado pela professora de Artes da UNILA, Angelene Lazzareti, e por Marcos d Castilhos. O livro trata do Povo da Rua, grupo de teatro de rua de Porto Alegre/RS, ao reunir textos dramáticos, memórias e reflexões sobre processos criativos. A publicação foi financiada pela Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre como forma de reconhecimento ao trabalho realizado pelo grupo, que dedicou-se, durante 20 anos, a ações educativas com teatro em comunidades e em um Hospital Psiquiátrico Estadual. As imagens reúnem registros de 8 espetáculos que fazem parte do repertório do Povo da Rua, que, desde 98, desenvolve inúmeras estratégias de sobrevivência, de criação e de organização coletiva. Compartilhando esta trajetória, contribui-se para que a memória de coletivos como o Povo da Rua mantenha-se viva, inspirando artistas e estudantes a seguir resistindo, criando e acreditando na força dos encontros vivenciados no teatro: o lugar da criação de outros mundos.















SECCIÓN DE EVENTOS

Desde el 22 al 25 de octubre, en las dependencias del Jardim Universitário de UNILA, se realizará la 2da Semana Integrada de Enseñanza, Investigación y Extensión.



Semana Integrada
ENSINO PESQUISA EXTENSÃO

PROGRAMAÇÃO

22/10/2019
TERÇA-FEIRA

8h30 às 12h | 13h30 às 21h: Mostra de Cursos

23/10/2019
QUARTA-FEIRA

8h às 12h: Dia C da Ciência
8h30 às 12h: Mostra de Cursos

13h30 às 18h: Apresentação de pôsteres EICTI 2019
17h30 às 19h: Curricularização da Extensão

19h30 às 21h: Conferência de Abertura - Auditório

24/10/2019
QUINTA-FEIRA

Sessão 1 | 8h30 às 12h: Apresentação de Trabalho, EICTI, SAFOR E SEUNI
Sessão 2 | 13h30 às 18h: Apresentação de Trabalho, EICTI, SAFOR E SEUNI
Sessão 3 | 18h30 às 21h: Apresentação de Trabalho, EICTI, SAFOR E SEUNI

25/10/2019
SEXTA-FEIRA

8h às 12h30: Seminário Agenda Tríplice

14h às 14h30: Premiação de Menção Honrosa - Auditório
15h às 15h30: Apresentação do PPC do Ciclo Comum de Estudos - Auditório
15h30 às 17h: Rede de Divulgação de Livros - Sala C203

18h30 às 21h: Lançamento do Livro "Glossário terminológico da UNILA", de Fidel Pascua - EDUNILA - Sala C203

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA:

portal.unila.edu.br/siepe



Noticias sobre eventos

El día viernes 18 de octubre, en el marco del Ciclo Común de Estudios, los Centros Interdisciplinarios de ILAACH, con apoyo de la 3ra Jornada de Investigación en Música Latinoamericana, dieron vida a un Tributo a Violeta Parra. El evento tuvo como objetivo presentar la vida y obra de la reconocida cantautora chilena, además de interpretar en vivo algunas de sus más célebres canciones. Tales interpretaciones fueron realizadas por estudiantes de Lengua Española del CCE, estudiantes del curso de Música y docentes de ILAACH.



Tributo a Violeta Parra.



Universidade Federal da Integração Latino-Americana
BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES – CILA
Nº1, ano 2019.

Las ediciones **KULTRUN** serán mensuales

Pueden enviar sus colaboraciones a

miguel.cristi@unila.edu.br

Interesad@s en participar de la elaboración de **KULTRUN**
serán siempre bienvenid@s.



UNILA
Foz do Iguaçu
Outubro de 2019